

ARMINDO JORGE DE CARVALHO BIÃO

Isa Maria Faria Trigo¹

Estamos falando ainda e muito e sempre iremos falar, dele, porque não foi embora ainda. Enfim.

Ainda é possível ouvir a conversa, a voz, a risada, a piada, a ironia, ver o gesto, desfrutar da hospitalidade. O desespero, e a alegria, simultaneamente. O sumo da vida, enfim. Muito me pego pensando na voz dele ao ler os textos, ao ver as coisas de teatro e pensar; ele ia gostar disso. Tanta coisa eu aprendi e ele tornava tudo lindamente simples.

Normal, não é pra chorar, é pra rir, é pra andar, é pra caçar. É pra dançar.

Filho de Odé, caçador, caboclo. Um sujeito que clareava, de abrir clareiras nas matas, nas falas, nos espaços da terra do teatro. Vamos brincar e pensar nos estados de graça. Como dizia Riobaldo: “a vida, o que ela pede da gente, é coragem”. Coragem de viver e de passar vida, Armindo.

Fazendo as coisas pelos outros e para os outros, e fazendo de conta que não, que não estava fazendo. Nunca cobrava um favor, um gesto. Tudo por tudo, pela vida mesma. Mão aberta, dava conhecimento, emprestava coisas, dava, passava, multiplicava. Grão Senhor.

Eu me repito? Um Malasartes no texto, um arlequim. Conhecia seus próprios personagens, e com eles convivia bem. Derrubou uma santa vez a porta da sala do então diretor e amigo, da Escola

de Teatro, Deolindo Checucci, no pontapé, pra poder fazer um telefonema que garantiria a realização do II congresso de Etnocologia. Deolindo tinha saído de férias e a porta estava trancada. Era o único telefone que conseguia falar com o exterior. Nessa época não era como agora, tudo se resolvendo na internet. Era por volta de 1997, não era como agora. Histórias que no teatro são janelas de ar. Honesto com a coisa pública. Honesto.

Eu dei a ele um apelido: Gato preto. Não um gatinho, daqueles que passam nas pernas das pessoas. Um gato grande, uma onça daquelas que são pretas. Um olhar acurado, uma sensibilidade para o que era falso e verdadeiro, para o que prestava e o que não prestava... uma inesgotável paciência para todos e uma total impaciência, para qualquer um, de vez em quando. Um amor pelo que não era ele, pelo que era diferente. Amor.

O que escrever? Um orientador doce e generoso, e de rigor. Também cheio de excessos e inusitados. Felizes daqueles que ele orientou, digo. Um grande ator, formado em tantas escolas, e principalmente na escola da nossa cultura baiana. De Mario Gonzales a Cuíca de Santo Amaro, Bião percorreu Europa, França e Bahia, com uma América do Norte de quebra, e Sevilla. Amava o teatro, amava os atores, e fez por todos nós o que ele mesmo não encontrou para si na flor de sua idade de ator, nessa cidade tão querida, sempre ladrando como um cachorro à nossa porta.

Um caboclo sete flexas, sete matas, sete corações, sete vezes sete, o que fez muita gente junta não faz metade. Nem um terço. Consumiu-se, em bela chama, bem alegre.

Bião, não se pode falar de você, você está vivo, Vivo. Vivo e bem vivo. Só não está aqui, assim exatamente, porque a gente não bem-te-vê, na sua incedível presença.

¹ Baiana, atriz, diretora teatral, professora universitária. Foi orientanda de Bião no mestrado e doutorado, quando aprofundou o estudo de máscaras teatrais e locais na criação e difusão de personagens e cenas baianas. Sócia fundadora da ABRACE, desenvolve trabalhos ligados à cênica popular e das culturas identitárias, com ênfase no samba, no Cavalo Marinho de Pernambuco e nas manifestações culturais mascaradas do Recôncavo Baiano. Entre outras coisas, coordena a Plataforma Freire de Artes Visuais da UNEB, o Núcleo de Artes da Proex e o Programa Sertão Mar, de cultura e artes, da UNEB.

